

Suplemento Cultural

revista paulista de medicina

Paulo de Godoy

PROFESSOR JOSÉ MEDINA

Paulo de Godoy Moreira e Costa! Conheci-o e tornamo-nos amigos desde o momento em que ele adentrou a velha Enfermaria de Ginecologia da Santa Casa de São Paulo, a lendária "Enfermaria Condessa de Lara", onde pontificava o inesquecível mestre Professor Nicolau de Moraes Barros.

Entre nós nasceu uma amizade que se arrasta até a presente data. Nesta longa caminhada habituei-me a admirar a personalidade de Paulo de Godoy, símbolo de homem vertical, sempre igual, homem de crença, iluminado pela segurança de suas convicções.

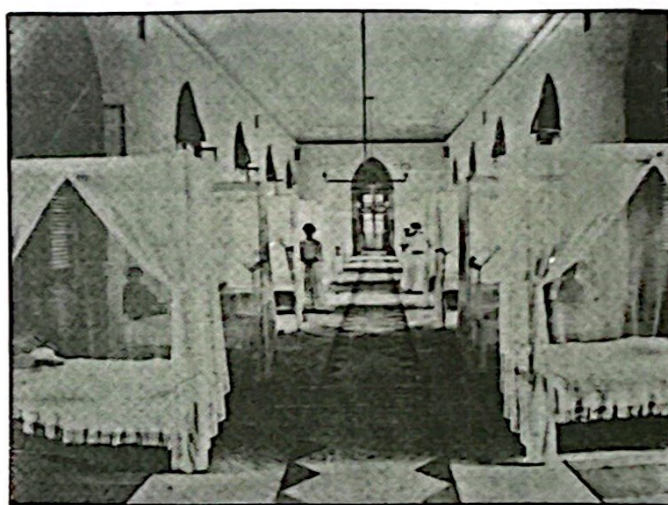
A primeira demonstração da firmeza de suas convicções ele nos deu com a sua Tese de Doutorado sobre "Eugenia e Seleção", que despertou paixão e intransigência da banca examinadora, onde se destacava a figura impoluta, brilhante, profundamente sincera, do saudoso professor Celestino Bourroul, cuja arguição exigiu grande mobilização da cultura que Paulo de Godoy já havia entesourado.

Inconformado com o julgamento da Tese que visava ao aperfeiçoamento da raça pela Eugenia, Paulo de Godoy, depois da refrega, lamentou o espírito religioso na banca que contestou com timidez e pudor a moderna moral social e da renovação do homem pela seleção eugênica, e agradeceu o "inofensivo simplesmente" que lhe deram.

Estava ele intimamente convencido de que um povo sem eugenia, sem seleção, racional da espécie, estava fadado a desaparecer, dominado pelos povos eugenizados.

Com brilho ressaltava a imperiosa necessidade de os jovens, por ocasião da puberdade, serem esclarecidos sobre as funções sexuais, da reprodução em particular, sem subterfúgios, como grande recurso para acobertar as moças dos azares da vida.

Cita a propósito as palavras de Forel: "Cumprir a máscara duma falsa e hipócrita pudicícia que esconde à mocidade as verdades sexuais. Por meio desta máscara nefasta, que quer imitar o avestruz, chega-se a conduzir jovens moças, incautas e ignorantes porque não foram prevenidas pelos seus pais, a uma prostituição que arruína; a levá-las, com a venda sobre os olhos, aos braços de



A enfermaria de mulheres da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

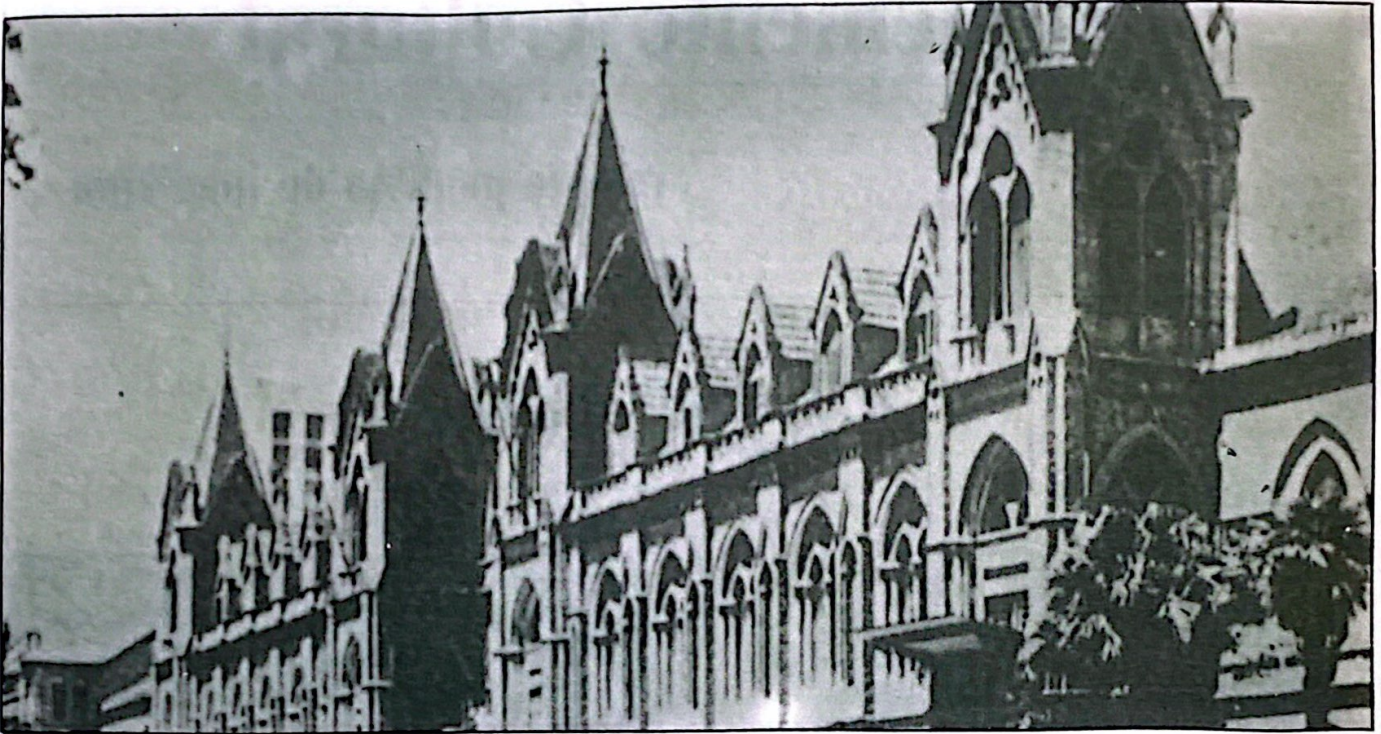
homens corrompidos que elas desconhecem, que elas não podem amar. É, pois, um dever sagrado dos pais instruir a tempo os seus filhos dos dois sexos sobre as verdades sexuais e sobre os perigos que os ameaçam".

Propunha Paulo de Godoy como meio para realizar o objetivo de restringir o nascimento de anormais, tarados e inferiores, o Exame Pré-Nupcial obrigatório, para impedir o casamento de maus procriadores, e a Esterilização humana dos maus procriadores para torná-los incapazes de gerar.

Amparava-se nas afirmativas de Haycraft, de Cornevin e sobretudo de Jean Morestan que dizia: "Seria útil aplicar-se à humanidade as regras de seleção artificial científica que tem dado aos agricultores e aos criadores maravilhosos resultados, mas que até o presente se esqueceu de adotar-se em nossa própria espécie".

Darwin diz que o homem estuda com a mais escrupulosa atenção o caráter e a genealogia de seus cavalos,

(1) Estas palavras constituíram o prefácio do livro, editado, em comemoração do centenário das atividades médicas do prof. Paulo de Godoy, com a égide do prof. Arnaldo Delivenneri.



de seu gado, antes de os cruzar; "precauções que raramente toma quando se trata do seu próprio casamento".

Faz-se com a espécie humana o que nenhum criador faz com outras espécies animais sem ser considerado atrasado, rotineiro e ignorante.

Um indivíduo incapaz casa-se livremente, legalmente. Os pais o consideram um bom partido porque é rico e tem posição social. Não procuram conhecer seu estado eugênico.

Quando se fala em exame pré-nupcial obrigatório, diz 'Paulo de Godoy', logo saltam os moralistas de papelão, os Tartufos da sociedade e gritam que é invadir a liberdade individual.

O grande Francisco de Castro na notável defesa de Abel Parente, defende a esterilização como finalidade seletiva, eugênica. Assim escreveu contra os que a condenavam: "Eu inverteo, sem receio, a acusação contra os acusadores. Eles desconhecem a missão da ciência que professamos. Se o processo de que se trata é uma impostura, estigmatize-se em nome da sinceridade científica. Se é uma verdade, ou encerra gérmenes de verdade, longe de promover-lhe o desacoroçoamento, o que nos cumpre é estudá-lo, aperfeiçoá-lo e utilizá-lo. Por que esse processo não nos acena para um crime, antes nos recorda um dever, respondendo a um apelo da humanidade, cujo serviço é o nosso culto. Se há séries de casos incontáveis em que a faculdade de gerar se torna contraproducente, isto é, contribui não para a vida, mas para a morte, não para a elevação da mulher, mas para a sua miséria, não para o desenvolvimento da espécie, mas para a sua decadência, não para a multiplicação do homem, mas para a multiplicação da peste, a obrigação da ciência é cavar nos seus estudos a procura de meios de acudir a esse mal, paralisando nos degenerados a função orgânica que deixou de servir aos seus fins naturais, para a contrariar.

Averbar, pois, de crimes tentativas ensaiadas neste sentido quando elas foram razoáveis, conscienciosas, notoriamente inofensivas, cientificamente verificáveis é que será desconhecer (permitam-me o qualificativo), criminosamente a verdadeira moral da Medicina, ciência que seria, ainda hoje, um acervo embrionário de erros, se há

muitos séculos não tivesse contado sempre no seu grêmio consciências destemidas para romperem com os ídolos poderosos e solenes da tradição servil, apoiada habitualmente nas preocupações estereis de uma falsa moralidade, de uma falsa religião ou de um falso saber".

Na culta Alemanha há o caso da Família Zero cujos 7 filhos foram troncos de famílias de vagabundos, bebedores, prostitutas, delinquentes, psicopatas, imbecis e idiotas.

Na Família 'Jukes', de 834 descendentes, 300 foram inviáveis, natimortos, 60 foram ladrões habituais, 142 vagabundos e inúteis, 181 prostitutas, 64 asilados, 76 delinquentes, dos quais 7 homicidas.

Esta prole degenerada custou ao Estado cerca de 5 milhões de marcos. Até a quinta geração foram todas as mulheres prostitutas e todos os homens delinquentes.

Finalizando a sua tese Paulo de Godoy enumera os processos de esterilização cirúrgica da mulher, hoje grandemente enriquecida.

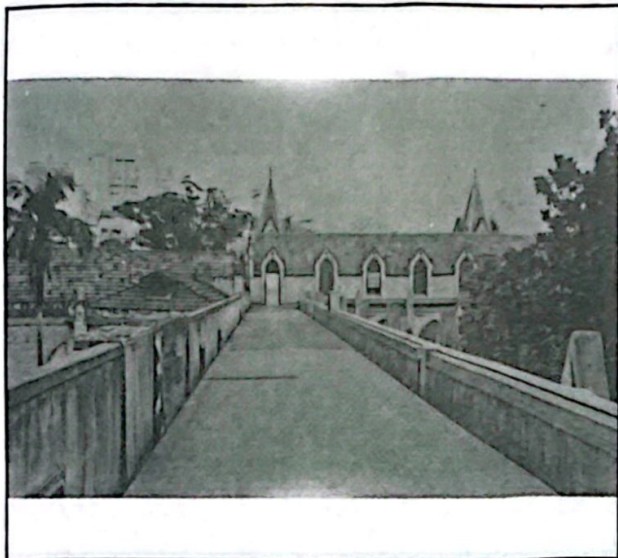
A esterilização do homem, simples, segura, sem hospitalização, outrora irreversível, o que o afastava da prática, hoje, com a microcirurgia, que possibilita a reversibilidade, arregimenta adeptos, engrossando a fileira dos que a ela se submetem.

A tese de 'Paulo de Godoy' foi semente lançada em terra fértil, pois temos hoje os "cursos de noivado", o exame pré-nupcial e o esclarecimento dos jovens em relação à sexualidade.

A tese de Doutorado foi a primeira demonstração do seu espírito de lutador intemerato e que iria manifestar-se com exuberância na defesa das concepções e teorias que abraçou e soube com inteligência defender.

Em 1932 teve destacada atuação na "Revolução Constitucionalista" ao lado do saudoso 'José de Almeida Camargo', que 'Duílio Crispim Farina', recentemente relatou, com pormenores, no "Jornal da APM".

Médico da Força Pública, na época, 'Paulo de Godoy', dela se afastou, divulgando pelos jornais o seguinte: "Acabo de pedir a minha demissão de médico da Força Pública, onde trabalho desde 1927. A minha resolução provém de ser paulista, cioso do meu nome e da minha honra; não me conformar com o acordo que essa corporação assinou



Corredor de acesso superior a fachada da capela-mor.

com os nossos adversários, afastando-se do povo paulista. Prefiro ficar com a minha terra e com o meu povo, a usufruir os proventos do cargo que hoje deixo”.

A Biotipologia, então em voga, com sua projeção nas ginecopatias, se encontrou em ‘Rocha Vaz’ e ‘W. Berardinelli’, no Rio de Janeiro, os seus maiores defensores e propagandistas, teve em ‘Paulo de Godoy’, em nosso meio, o grande lutador que procurou, mobilizando todos os recursos da sua invejável cultura, da sua brilhante dialética, mas sobretudo da sua convicção íntima e sincera, mantê-la no tablado por muitos e muitos anos.

Profundamente convencido do valor da Biotipologia, em excelente artigo sobre “Biotipologia na Medicina e na Ginecologia”, publicado nos “Anais da Clínica Ginecológica da Santa Casa de São Paulo”, Vol. I, n.º 2, junho 1950, escreveu: “Assim como há Institutos que estudam e investigam o homem doente ou as causas das doenças, necessário se torna a criação do Instituto de Biotipologia, que estudará o homem normal, com o objetivo de classificá-lo, para a determinação do biótipo, expressão biológica final do homem, que define não somente a forma como a função, que estrutura e molda não somente a estática como a dinâmica, identificando o indivíduo não somente no presente, como abrindo e alargando as perspectivas do futuro.

Nunca se deu por vencido. Penso que deve ter sofrido com o esmaecimento do valor propedêutico da sua Biotipologia, que tanto o empolgou e o envolveu em polémicas, pois era polemista temido, insuperável na argumentação.

Mais tarde vimos-lo alvoroçado com a endocrinologia que despontava na ginecologia, explicando grande parte das perturbações menstruais.

Paulo de Godoy realçava o valor endócrino da tireóide. Não chegou ao exagero de dizer que a “melhor foliculina é a tireóidina”, mas sem dúvida referendava a expressão de Biedl: “A tireóide é o 1.º violino no concerto endócrino regido pela hipófise”.

Ouvi-o dizer certa vez, em uma das suas brilhantes conferências, que prescrevia a tireóide em todo os casos de esterilidade e ameaço de aborto com espetacular resultado. E tinha razão.

Tenho para mim, entretanto, que a maior contribuição de Paulo de Godoy à Ginecologia reside na Medicina Psicossomática. Seduzido pelos estudos do professor A. Mayer, autor do capítulo “Transtornos psicógenos das funções sexuais femininas” no livro de O. Schwarz sobre “Psico-

genesis e Psicoterapia dos Sintomas Corporais”, publicado em 1932, passou a esposar a importância da alma nas perturbações da esfera sexual feminina com o entusiasmo que sempre o empolgavam as teorias novas e reformadoras.

A doutrina de Freud ensaiava os seus passos em nosso meio particularmente na ginecologia, e o seu espírito irrequieto não podia a ela alhear-se. Paulo de Godoy, com a agilidade de raciocínio que lhe era peculiar e com o seu indiscutível talento, foi o elemento de que ela necessitava para ser divulgada e defendida.

Em conferências e publicações exaltou o valor da medicina psicossomática e sem dúvida arrancou inúmeras mulheres da cirurgia descabida e mutiladora.

Em formosa monografia que surgiu em “Publicações Médicas”, Ano VII, n.º 10, maio de 1936, sobre “A dor em ginecologia”, sintetizou a psicanálise com estes termos: “A psicanálise é o estudo profundo da alma humana em que o médico terá que intrometer na intimidade do organismo, no âmago do ser, na região dinâmica do inconsciente e procurar, com a paciência de um analista, com a serenidade de um juiz, com a profundidade de um filósofo e com a honestidade de um santo, a causa dos distúrbios, a razão dos desequilíbrios, a origem das dores”.

No longínquo 1936 ele já realçava a importância da Medicina Psicossomática para os novos e futuros médicos que iriam lidar “num meio neurótico, vibrado por uma inquietude sexual devoradora”. Sem dúvida profetizou o ambiente que infelizmente impera em nossos dias.

E tinha razão. Hoje, mais do que nunca, explora-se a sexualidade. Revistas, novelas, romances, gravuras pornográficas, modas, cinemas, televisão, rádio, tudo alia-se numa união macabra e diabólica, para fazer soçobrar a juventude, num sexocentrismo dominador e avassalante. O sexo acabou por corromper tudo e todos.

O Papa Paulo VI, em enérgico pronunciamento, falando a 3.000 fiéis, no dia 13 de setembro de 1972, disse que “o homem moderno, obcecado pelo sexo, está caminhando na lama e se transformando num ser vulgar e triste”.

Assegurou Paulo VI que o “abismo em que a sociedade está se afundando não pode ser ignorado e que as grandes questões — o controle da natalidade, o aborto, a infidelidade conjugal e o divórcio — não fazem a sociedade mais forte nem mais gloriosa, mas sim a degeneram e a aviltam”.

O Papa terminou dizendo que a “pureza é a atmosfera em que o verdadeiro amor respira”.

Na referida monografia, após analisar com profundidade a importância da dor, considerando-a como “a guia, a amiga, a auxiliar, pois é sob a sua queixa que não somente pesquisamos as moléstias, como ainda é pela angústia que ela determina que a doente se submete ao tratamento”, enfaticamente cita as palavras de Rosthorn no Congresso de Estrasburgo, em 1908 — A dor em ginecologia tem sido a dor de toda a minha vida.

A medicina psicossomática em ginecologia deve-lhe, com justiça e sem favor, grande parte da projeção que conseguiu na especialidade, pois encontrou nele um defensor intemerato, um crente, que a manteve sempre no tablado, tão confiante estava na sua aceitação pelos ginecologistas, o que começa a ser esplêndida realidade.

Orador de grandes recursos, artista da palavra falada, mas particularmente da escrita, é com deleite que se lê o que ele escreve e que testemunha a sua invejável cultura humanística.

Renan ao fazer o elogio de Claude Bernard disse que “um grande espírito é sempre um bom escritor” e Fialho de Almeida escreveu que “só fala e escreve bem quem pensa bem.”

Professor ele o foi desde o momento em que assumiu a direção da Enfermaria de Ginecologia da Santa Casa,

como provam os seus antigos assistentes que revelando devoção ao mestre, sob iniciativa de Arnaldo Delliveneri cuja lealdade e cuja nobreza de caráter nós vimos enaltecendo desde o seu brilhante concurso de Livre Docência, decidiram pois festejar o seu Jubileu Profissional e Universitário enfeitando em livro uma série de trabalhos que ressaltam a brilhante "Escola Paulo de Godoy".

Jornalista desde os tempos acadêmicos, pertenceu à brilhante plêiade de Redatores de a "A Gazeta".

Com Pedro Montealeone foi impertérrito defensor dos grandes problemas que interessaram na época a nossa Escola Médica e à nossa juventude.

Era uma grande pena, candente, independente, mas recheada do espírito de justiça em consonância com a sua mentalidade de lutador.

Não se pense que Paulo de Godoy resolveu encerrar a atividade profissional. Jamais o fará, pois ele não ignora que a energia vital aumenta à medida que se a usa e se não for usada, enferruja e estanca.

Como o valor do homem não se mede pela quantidade de vantagens que ele conseguiu, mas pela quantidade de benefícios que ele prodigalizou aos seus semelhantes, devemos concluir que Paulo de Godoy é uma autêntica glória da sua geração, como homem e como médico, particularmente como ginecologista.(1)

A escola de Raul Briquet e Domingos Delascio

DUILIO CRISPIM FARINA

Ainda está para ser escrita a crônica, o evolver, a história da obstetrícia em Piratininga.

O dr. João Henrique Teodoro Langgaard (1813-1883), médico nascido na Dinamarca e radicado em Campinas, após andanças na Fábrica de ferro de Ipanema e em Sorocaba, escreveu um Tratado de Obstetrícia pioneiro na Província de São Paulo. Editou em 1862 a 1.ª edição de sua "Arte Obstétrica ou Tratado Completo dos Partos", já vinda ao lume com nova edição, em 1873, cuidadosamente revista, melhorada e aumentada. Apresentava como objetivo, "dar conselhos às pessoas no interior deste vasto império que pela força das circunstâncias tinham de tomar sobre si tão árdua quão penosa tarefa, sem ter o mínimo conhecimento daquela grande obra que a natureza exerce na ocasião do parto e dos socorros que porventura terão de prestar àquelas mulheres infelizes que no meio de seus sofrimentos se acham desamparadas, sem ter ao pé de si alguém em que possam confiar".

Era na verdade livro de proselitismo a levar a todos os rincões da Pátria, não só conhecimentos gerais, mas normas escorreitas de boa conduta e orientação. Estudava a Parte Anatômica dos genitais da mulher, inclusa a bacia; a gravidez normal e patológica; os partos anormais e os naturais; o aborto; o parto prematuro, a puérpera e o recém-nascido, nada deixando de abordar, secundinas, sedes viciosas da placenta e as operações obstétricas. Era verdadeiro modelo e paradigma dos compêndios e tratados que começarão a aparecer na centuria vindoura. A obra de Langgaard, pioneira em nosso meio, é ainda interessante nos dias de hoje e merece as indiscutíveis primazias em nossa Terra Paulista.

Em 1894, com gesto magnífico de caridade cristã, Bráulio Gomes inicia trabalho meritório, logo traduzido com a primeira casa de assistência à gestante pobre. Gênese da Maternidade São Paulo, logo à ela se associam João Rodrigues dos Santos, Cesário Motta, e com o passar dos anos Silvio de Oliva Maia, Raul Carlos Briquet, Maria Renotte e Genebra de Barros; Nicolau de Moraes Barros, Waldemar de Souza Rudge e Francisco Cerrutti; Vieira Marcondes, José Ayres Netto, Artur e Eduardo Martins Passos, todos a honrar os chãos sagrados dessa Maternidade, escola primaz da Arte de Partear, em nossa cidade de Anchieta.

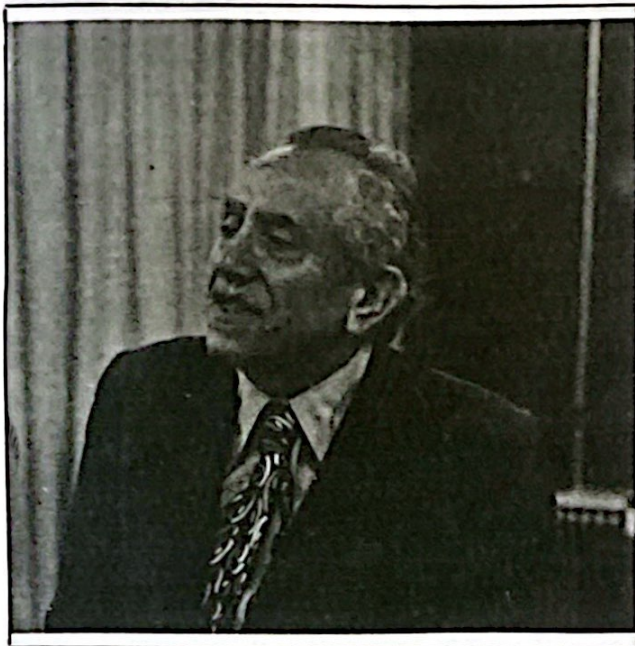
Eduardo Martins Passos redigiu ensaio modelar ao escrever "A Maternidade de São Paulo na História da

Obstetrícia Paulista". Evoca os sacrifícios de tantos, o trabalho sem solução de continuidade, a ação e as decorências de uma plêiade de médicos e beneméritos que inscreveram seus nomes na assistência às gestantes e às parturientes, carentes e desvalidas.

Em 1913, no Hospital da Misericórdia Paulistana germinou a semente que se fez fronde, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Arnaldo Vieira de Carvalho, com suas exalçadas aptidões para organizar e dirigir, aglutinou valores positivos da medicina, indicou o que de melhor existia na clínica e cirurgia da época, constituindo a Congregação inicial, verdadeira aristocracia intelectual,



Raul Briquet.



Domingos Delascio.

acrescida de expoentes científicos da Europa: Alfonso Bovero, Brumpt, Habermeld, Lambert Meyer, Donati, Carini.

E logo mais convida Silvio Azambuja de Oliva Maya para ser o primeiro lente de obstetrícia da Faculdade de São Paulo, que ainda jovem fôra o primeiro médico interno da Santa Casa de Misericórdia, ainda em tempos de Caetano de Campos, Carlos Botelho, Pereira Barreto e Guilherme Ellis. Estruturava-se a cadeira de Partos da iniciante escola médica. Vai sucedê-lo o ínclito Raul Carlos Briquet (1887-1953) que em sua passagem pela Casa de Arnaldo, e Medicina Brasileira, deixou as marcas de seu fúlgido talento e invulgar cultura, atingindo vértice dificilmente atingível e impossível de ser ultrapassado.

Professor universitário, educador, psicólogo, sociólogo, filósofo, humanista, acadêmico, ficará aluminiando um alto momento da Ciência e da Inteligência no Brasil. Deixou escola, definitiva e assente, com séquito brilhante de continuadores.

Seus assistentes, no milagre da multiplicação fundaram novos centros de estudos, ensino e pesquisa, constituindo em suas somações a Escola Obstétrica de São Paulo.

Entre eles, Domingos Delascio que expressa muitas das virtudes do mestre. Infatigável no estudo e no ensino, conhecedor de toda literatura médica pertinente, perora nas aulas com lições precisas, completas e minudentes, sem perder o objetivismo da mensagem que, entusiasmado, vibrante, comunica ao círculo dos ouvintes.

Senhor também de uma erudição sem lindes, não só dos clássicos da obstetrícia e ginecologia, como da evolução permanente dos trabalhos e publicações de todos os centros da América, da velha Europa e de continentes vários.

Pesquisa, assimila e acultura, sempre em proveitos dos discípulos e exorna com sua palavra candente a entusiasmar os que o ouvem e lêem com proveito e não menor prazer e encantamento. Uma inteira vida, e um labor sem pausas, dedicados à especialidade que o seduziu, fazem-no em nosso meio científico modelo de lidador sem péias, sempre voltado para o aperfeiçoamento da ciência de Baudeloque, Mauriceau e Fernando Magalhães.

Por justiça e direito de conquista já inscreveu seu nome e seus passos na gesta da Arte Obstétrica, em nosso tempo.

Raul Briquet deixou uma tráfada incomparável: "Obstetrícia Normal", "Obstetrícia Operatória" e "Patologia da Gestação". Frutos de uma metodologia completa e eficaz serviram à gerações e gerações de médicos e estudantes como fanal a aluminar as sendas e os desvãos da excelsa obstetrícia, disciplina encantadora a motivar discípulos de escol. Briquet acumulava dados hauridos em trabalhos de monta, todos relacionados de exaustiva bibliografia. Domingos Delascio herda-lhe não só o amor e dedicação ao ensino e ao estudo como a magistral pena de escriba. Seu único objetivo tem sido cultivar a memória do mestre, espalhar seus escritos, seus livros, em novas edições que relembram o chefe de escola a que, com méritos invulgarres, se filia e engrandece. Assim com Antonio Guariento (outro discípulo e tenaz propugnador das virtudes do mestre Briquet) vem dando ao lume as obras científicas de Raul Carlos em edições adequadas, revistas e atualizadas.

Sai agora mais uma, a segunda edição da "Obstetrícia Operatória Briquet". Em 1932, ano da Saga Constitucionalista, epopéia de um povo, em outubro, publicava-se a 1.ª edição em que "além dos capítulos relativos à técnica obstétrica", consideravam-se os traumas maternos e fetais, "para que se compenetre o parteiro da responsabilidade que lhe cabe, assim no que respeita à vida imediata da mãe e do nascituro, como nas conseqüências remotas de suas intervenções". E ainda tendo em conta a crescente extensão da via abdominal, incluía-se um capítulo singular, aquele relativo ao exame das principais complicações pós-operatórias, cujo conhecimento é indispensável ao operador — como enfatizava mestre Briquet, que não deve restringir a responsabilidade dos seus atos cirúrgicos.

Esse evangelho, decálogo de indicações operatórias em obstetrícia serviu a dezenas e dezenas de gerações de iniciados. Obra primeira e ímpar, era livro de consulta e orientação.

De difícil acesso, quase inencontrável, raridade bibliográfica, ressurgiu ele agora não só com novas vestes, mas com sua essência adequada a esses quase cinco decênios em que a medicina, tal como novo Fenix, renasceu com nova e esfusante plumagem. Em verdade, fiel aos traços marcantes da doutrina do sempre saudoso mestre, visando a oferecer uma vez mais uma fonte de informações aos que se dedicam à especialidade, é obra redimensionada, e quase nova. Como assinalam seus autores, Delascio e Guariento, novas diretrizes se apresentam graças às generalizações das medidas de assepsia e antisepsia, à introdução das sulfas e dos antibióticos, às hemotransfusões, aos notáveis progressos da anestesia e da cirurgia, à vulgarização da assistência pré-natal dinâmica e da prenhez de alto risco, todas a aumentar o êxito das operações, e a ampliar-lhes as indicações.

Trabalho útil e de real valia, indiscutivelmente oportuno e necessário, sua publicação leva-nos aos grandes dias da escola de Arnaldo, em que figuras como Raul Briquet, Ascendino Reis, Guilherme Bastos Milward, Oscar Freire, Ernesto de Souza Campos, Flaminio Favero, Pacheco e Silva, Almeida Prado, por testemunhos, gestos e lições influíram para que o magistério atingisse diretrizes que levaram tão alto a Faculdade de Medicina de São Paulo.

Domingos Delascio em sua passagem pelos fastos da Medicina Paulista, de forma rutilante, associa-se àqueles que, por vida digna de ser vivida, consagrada inteiramente ao trabalho e ao estudo, tudo fizeram por amor à gestante e ao nascituro. E por isso merecem para todo o sempre o respeito dos discípulos e de seus pares. Amaram a Obstetrícia, o Brasil e sua gente acima de todas as cousas!

Geraldo Dutra apodera-se do Pátio e do Colégio de São Paulo

ACADÊMICO HERNANI DONATO

Acontece com este livro "A igreja e o colégio dos jesuítas de São Paulo", algo que não sendo inédito, é incomum: impõe-nos ele a impressão de que sempre houve lugar à sua espera na estante dos que estimam a História e conservam um mínimo de carinhoso interesse para com os sítios impregnados de valores cívicos e culturais.

A igreja e o colégio, assim como o pátio, pareciam faltos, até agora, exatamente do que receberam do governo municipal: este livro escrito com rigor de ciência e com amor de exaltado devoto. Não foi só no defender-se dos indígenas que o atacaram nos seus primeiros dias, que o Colégio, a igreja e o pátio viram-se utilizados como arena de combate. Viu muita batalha, o velho cenário! Não é o caso de elencar as peripécias que encadeiam e harmonizam o ritmo da História. Mas a guerra pela restauração ou reconstrução ou dessacralização do colégio, da igreja, do pátio terá sido a mais longa e tenazmente disputada, com a agravante do conteúdo erudito ou pragmático. E nem foi incruenta, pois é culpada, no juízo de alguns que a viveram em minúcias, pelo apressamento da morte de um dos generais que defenderam o pátio tal como São Paulo vê, agora: César Salgado. O que ali está, sobrepondo-se à casuística burocrática é testemunho vivo, apelo sensorial ao tempo que emocional ao passado que é substantivamente presente porque essencialmente São Paulo. Atende, além de tudo, ao reclamo de Castro Alves: "é do povo", é do paulistano, do brasileiro.

Agora, tem em registro público — o livro — a sua História, o seu esplendoroso curriculum vitae, em páginas amavelmente escritas por Geraldo Dutra de Moraes. O autor, que já nos dera o texto definitivo sobre o Aleijadinho, nos faz herdeiros da História do Pátio do Colégio, com este livro ao qual a gráfica Municipal deu cuidados que acrescentaram ao volume o valor de documento bibliográfico.

O texto alterna — como se redigido à moda de laidinha — o poemático aliciante e o informativo cronical. Saímos da leitura sabendo tudo sobre a igreja, o colégio, a fundação de São Paulo; os inicianos, os indígenas, os pioneiros. Somos levados a fruir o sabor de novidade que recobre mesmo o já conhecido, os séculos, as vicissitudes do lugar e das construções. Penetramos as minúcias do viver paulistano que cercou o colégio, acendendo também as nossas nove velas votivas no altar da devoção, puxando a corda do sino que festejava a partida das bandeiras.



Pátio do Colégio.

A documentação é farta e correta; a iconografia adequada e rica, alinhada com tal propriedade que ganha ritmo e proposta de filme seriado, a fazer evoluir na tela-papel o posicionamento caleidoscópico do pátio, da fonte, do palácio, da igreja, das Secretarias imponentes que ao longo dos tempos asseguraram ao local, a situação de "acrópole" paulistana.

O prefácio de J. C. Ataliba Nogueira — outro "irmão" graduado da confraria voltada ao serviço e pois ao amor do Pátio do Colégio, é uma jaculatória a propiciar o adentramento do leitor no texto principal; sendo que tudo — prefácio, textos, iconografia — nos vem emoldurado por duas preciosidades que por si merecem difusão em separado: na capa, reprodução do quadro de Beatriz Dutra, "O Pátio do Colégio em 1750" e na quarta capa, "Altar-mor da Igreja do Colégio de São Paulo (1680)" da mesma artista, um nome e um talento respeitáveis.

De certo que a Prefeitura do Município de São Paulo empregou bem o dinheiro do contribuinte ao retribuir com este precioso documento sobre o ontem e o hoje do pátio-berço da paulistânia. Está, pois dignamente preenchido aquele lugar das estantes, que esperava por um livro como este.

Benedito Montenegro

PROF. EDMUNDO VASCONCELOS

A tristeza, embora profunda e grave, com o favor do tempo dilue-se no consolo da recordação.

É essa saudade e essa recordação que hoje nos une para lembrar o irmão amigo e meu Mestre Benedito Montenegro.

Aqui estamos para lembrar a sua vida e esquecer a sua morte.

Triste encargo, com que me honro, não fôra por ser o intérprete do vosso mandado, na singeleza deste convívio.

Formara-se nos Estados Unidos, de onde trouxera as fortes qualidades saxônicas, etc, um meridional e mediterrâneo. Tão bem soube absorver essas qualidades que as levou pela vida toda, de par com a afetividade do gesto. Robusteceu o físico no esporte, e retemperou a fortaleza do ânimo para a luta e para a adversidade. Sorriu altivo ao favor e ao desfavor. Temperou as energias morais para a cirurgia, tanto como operador como para operado. Suportou-lhe os trabalhos e suportou-lhe a dor; em ambos exaltou-lhes as vitórias.

Cumpriu os decálogos da profissão e os ditames de Hipócrates: Curta vida, arte infinita, ocasião fugidia, experiência enganadora, difícil juízo. Curta vida — embora dilatada na aparência dos anos, para tão longo mistér, movendo-se entre o fugidío da ocasião e a dificuldade do julgamento; esquecendo nunca que a experiência, mesmo dilatada, é enganadora, sabendo o destino que nos cumpre e a tarefa que nos cabe. Hoje, ao olhar o que já é passado lembramos-lhe a figura e a extensão da obra do que nela se lidou.

Breve vida, votada às cansaças, gastando a vida pela dos outros, na recompensa pelo bem esparzido e pelo consolo prestado, que se gasta afanosa, que nos foge no cuidar de manter a saúde que periclitou ou o alento que se esvãe. Por esse lado a vida é tão breve que, a velhice, deparamo-la supresos. Hoje, recordamos essa vida que tanto se gastou pela dos outros: ora na faina de ensinar o que na experiência acumulou, ora a acudir os que lhe pediam socorro ou consolação. Outras vezes, a compartilhar as lutas cruentas por um ideal que nos parecia longínquo. Ora no entrebater das paixões políticas ou universitárias, no aplainar os caminhos e conseguir concórdia, no guiar das vocações. E essa faina é um desprendimento, um constante dar-se, não raro pouco receber, obrigando a insuspeitados extremos.

Arte longa — que vem do infinito dos tempos da humanidade sofredora, e que vai nos longes das conquistas da ciência, para mitigar o sofrimento e prolongar a vida, vida frágil e efêmera, que a queremos eterna, que se mantém, por milagre e que se extingue à mais leve perturbação do equilíbrio delicadíssimo. Arte longa de perscrutar o quase insondável e de prever o quase impossível. E é dentro dessa longa arte que a cirurgia faz o milagre da vida; ci-



Benedito Montenegro.

rurgia da qual ele foi o artífice e o Mestre. Viu a transformação da cirurgia empírica e limitada para a grande cirurgia científica e verdadeiramente miraculosa de hoje, que na frase de Goethe "cura sem fazer milagres e faz milagres silenciosamente".

Aprenda-se a respeitar esta grande obra que vive através de sofrimentos e angústias, mas que também conhece vitórias supremas que a ciência codifica e a técnica executa.

Montenegro soube exemplarmente fazê-la e transmiti-la, dentro da rigidez da regra: com o cérebro, com as mãos e com o coração. Tríplíce aliança do cirurgião perfeito.

Arte que ensina a ler o livro da vida através dos anseios da fraternidade humana de que a amizade é a exteriorização sensível. Arte da compreensão e da ternura, sob a aparência da impassibilidade, jamais da frieza.

Montenegro médico, cirurgião entre os primeiros, administrador, secretário de Estado, Diretor, Reitor, político, camarada de armas; participante de vitórias e revezes, alegrias e decepções, glórias e angústias.

Discurso proferido pelo Prof. Edmundo Vasconcelos no almoço em saude ao Prof. Benedito Montenegro, no Clube Paulistano.

Alcançou as grandes honrarias: Cavaleiro da Legião de Honra, Doutor Honoris Causa, Membro de honra do Colégio Americano dos Cirurgiões, membro de Associações sábias, Professor Emérito. Postos todos que honrou com a inteligência e o labor pertinaz e diuturno, sem jamais ter abandonado a modéstia dos seus hábitos, a virtude dos homens simples.

Fui o primeiro dos seus alunos a chegar à Cátedra, primeiro na Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental, cadeira por ele criada e na qual o sucedi, depois na Clínica Cirúrgica, levando diretrizes e conceitos.

Seguiu-se uma plêiade: Bernardes de Oliveira, catedrático na Escola Paulista de Medicina, Mário Ramos de Oliveira, Titular de Clínica Cirúrgica e hoje Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Piragibe Nogueira, notável cirurgião, e tantos outros. Hoje,

o filho, no Hospital de sua Jau natal, a lembrar-lhe, nome que lhe é familiar, continua a mesma labuta, suportando as vicissitudes dos homens todos, e mantendo com galhardia os ideais paternos.

Em 1956 aposentou-se voluntariamente da Faculdade de Medicina; como Cincinatus retirou-se para as suas propriedades rurais e, "Gentilhomme Campagnard", viveu o final de sua vida. Lembrando-o e honrando-o em nossa reunião de hoje, aqui trazemos o preito da nossa saudade e a certeza de sua presença.

Espalhou generosamente a fraternidade da esperança que esta brigada de Irmãos Amigos corporifica e sustenta, da qual ele foi parcela e estêcio.

Hoje aqui estamos para lembrarmos a figura e cultuar-lhe a memória.

Benedito Montenegro — Presente.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Dr. Duilio Crispim Farina
presidente

Prof. Fábio Schmidt Goffi
Prof. Paulo Schmidt Goffi
Prof. João Carvalho Ribas
Prof. Silvio Marone
Prof. Mateus Romeiro Netto
Prof. Plínio de Toledo Piza
Dr. Adolfo Coelho de Souza
Dr. José Olímpio Almeida Senna
Dr. Luciano Endrizzi
Dr. Orfeu G. D'Agostini
Dr. Marcelo Almeida Toledo
Dr. Walter Pinheiro Guerra